

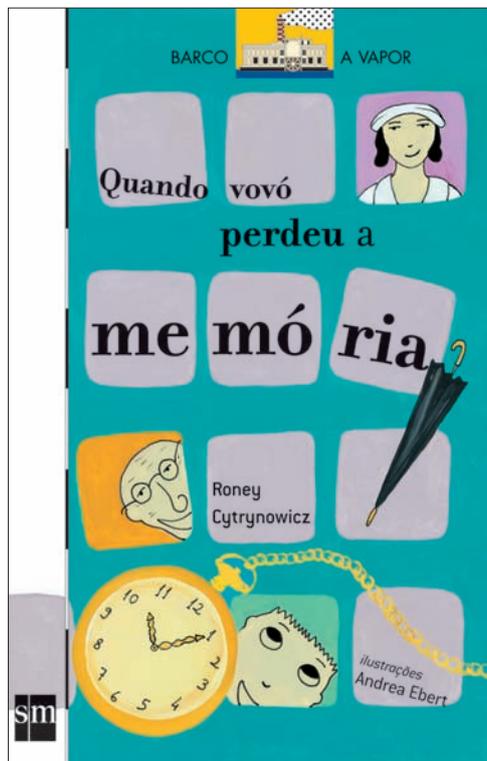
# Quando vovó perdeu a memória

Roney Cytrynowicz

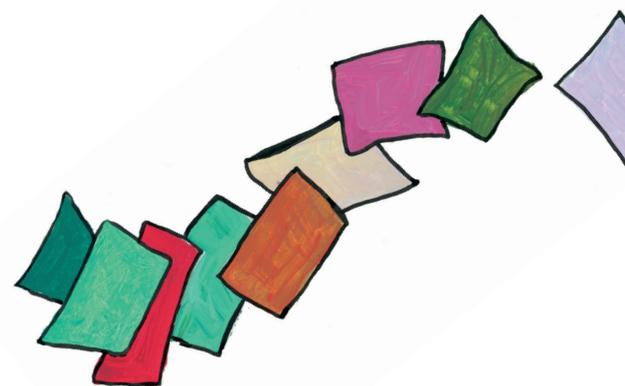
Temas Memória; História; Convivência;  
Encontro de Gerações; Velhice



## GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



Série Branca nº 15  
64 páginas



O LIVRO *Quando vovó perdeu a memória* é uma narrativa singela e tocante sobre um avô que se instala no quarto do neto. Conciso, o conto fala sobre um encontro de gerações. Sua história é construída a partir de objetos e lembranças que atravessaram os tempos, que remetem ao passado e, ao mesmo tempo, dão contorno ao presente. O estilo do texto é límpido, o que torna a compreensão da história bastante fácil. O conteúdo subjetivo que ela comporta, porém, tem a capacidade de suscitar no leitor reflexões profundas sobre a importância da memória e as diferentes tarefas que ela desempenha em nossa história pessoal, familiar e social.

O AUTOR Roney Cytrynowicz nasceu em São Paulo, em 1964. Graduiu-se em Economia pela Universidade de São Paulo (USP), onde também concluiu mestrado e doutorado em História. Publicou livros para o público adulto como *Memória da barbárie – A história do genocídio dos judeus na Segunda Guerra Mundial* (Edusp/ Nova Stella, 1990) e o volume de contos *A vida secreta dos relógios e outras histórias* (Scritta, 1994; Prêmio Nascente de 1993). Este é seu primeiro livro para o público infantil.

A ILUSTRADORA Andréa Ebert nasceu em São Paulo, em 1970, e mora em Natal, Rio Grande do Norte. Coursou moda na Faculdade Anhembi-Morumbi (1989-1993). Trabalhou na área e em outros setores, como produtora de moda, programadora visual e cenógrafa. Hoje ela é artista visual e ilustradora. Tinta e papel são seus instrumentos de trabalho.



## Mergulhando na temática

### ENVELHECIMENTO E PERDA DE MEMÓRIA

Como diria o escritor argentino Jorge Luis Borges, “somos feitos, em larga medida, de memória” e “essa memória é feita, em boa parte, de esquecimento”. Passamos por situações em que a memória falta. Do ponto de vista orgânico, isso ocorre por falhas nas sinapses (conexões entre os neurônios), que podem ocorrer por estimulação excessiva, doenças degenerativas, traumatismos. A perda do número e da velocidade das sinapses é um processo natural do envelhecimento. Por um lado, isso explica por que pessoas idosas muitas vezes não encontram as palavras certas para se expressar, por que elas se repetem e, não raramente, “perdem” objetos de uso cotidiano. Não explica, porém, por que continuam a evocar, mais freqüentemente, memórias da infância, talvez por serem mais agradáveis, já que vêm de uma época em que havia muito futuro pela frente.

### MEMÓRIA E HISTÓRIA/ SUJEITO HISTÓRICO

Até, pelo menos, o final dos anos 1970, o ensino de história baseava-se na listagem temporal de nomes de vulto e fatos heróicos do passado. De lá para cá, outras noções foram ganhando terreno, entre elas a de que todos somos sujeitos históricos, não só porque vivemos o cotidiano da história, mas porque em maior ou menor medida também a transformamos. Hoje há uma forte orientação, incluída nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), para destacar narrativas pessoais

## INTERPRETANDO O TEXTO

### DE MALA E CUIA

Tudo começa com a chegada do avô. Ele vem com sua mala, mas sem a companhia da vovó: prenúncio de mudanças. Na verdade, o começo do enredo é anterior à narrativa, pois o **envelhecimento e a perda de memória** da avó já ocorreram quando a história começa, e geram transformações radicais na vida dela mesma e da família.

E o tema da memória passa a ganhar espaço na narrativa. Mas que memória é essa? É um tipo de memória na qual raramente se pensa, aquela que nos ajuda a fazer as coisas mais rotineiras: trocar de roupa, amarrar os sapatos, cozinhar, enfim, um mundo de conhecimentos e habilidades que são armazenados no que imaginamos ser um arquivo gigantesco e compactado no cérebro.

A avó estava morando numa casa de repouso. Ela não poderia mais viver sozinha, pois a falta de memória não permite que ela execute as tarefas mais simples do dia-a-dia.

Seu neto, o protagonista-narrador da história, também é afetado, indiretamente, por essa mudança. Ele e o avô passam a dividir o mesmo quarto, um espaço de convivência que gera questões sobre a passagem do tempo e sobre como as experiências vividas delineiam a identidade de cada um.

### VIAGEM NO TEMPO

A relação entre **memória, identidade e história** está colocada de maneira desorganizada, e é a passagem do tempo (e a habilidade narrativa do autor) que faz a ponte entre esses tópicos. O fluir do tempo se faz notar e marcar por objetos cotidianos, partilhados entre avô e neto, que vão resgatando lembranças e histórias de outros tempos, ativadas por diferentes **fatores e componentes da memória**.

O primeiro desses objetos que marcam a relação entre os personagens do livro é a correntinha “misteriosa” que pende do bol-

(histórias de vida) de indivíduos comuns, estabelecendo relações entre memória, identidade e história.

Os trechos abaixo ilustram bem a forma como especialistas que elaboraram os **PCNs** entendem a nova didática da história.

“O ensino de História possui objetivos específicos, sendo um dos mais relevantes o que se relaciona à constituição ▶



da noção de identidade. Assim, é primordial que o ensino de História estabeleça relações entre identidades individuais, sociais e coletivas, entre as quais as que se constituem como nacionais.” (PCNs História 1ª a 4ª séries, p. 26)

“(…) Ao mesmo tempo, é importante a compreensão de que o “outro” é, simultaneamente, o “antepassado”, aquele que legou uma história e um mundo específico para ser vivido e transformado. O conhecimento do “outro” possibilita, especialmente, aumentar o conhecimento do estudante sobre si mesmo, à medida que conhece outras formas de viver, as diferentes histórias vividas pelas diversas culturas, de tempos e espaços diferentes. Conhecer o “outro” e o “nós” significa comparar situações e estabelecer relações e, nesse processo comparativo e relacional, o conhecimento do aluno sobre si mesmo, sobre seu grupo, sobre sua região e seu país aumenta consideravelmente.” (p. 27)

“O sujeito histórico pode ser entendido, por sua vez, como sendo os agentes de ação social, que se tornam significativos para estudos históricos escolhidos com fins didáticos, sendo eles indivíduos, grupos ou classes sociais. Podem ser, assim, todos aqueles que, localizados em contextos históricos, exprimem suas especificidades e características (...). Podem ser trabalhadores, patrões, escravos, reis, camponeses, políticos, prisioneiros, crianças, mulheres, religiosos, velhos, partidos políticos etc.” (p. 29)

so do avô, notada pelo neto logo que ele chega. É a correntinha de um relógio de bolso. Na imaginação do menino, ela funciona como uma caixinha que guarda o tempo; simbolicamente, é uma correntinha mágica capaz de estabelecer a relação entre o tempo e os papezinhos que o avô guarda na carteira. Entre esses “papezinhos” estão a carteirinha do sindicato, uma passagem de bonde, um recorte de jornal, o bilhete vencedor da loteria, o ingresso (de 1954) de um jogo do Corinthians. Além dos objetos guardados na carteira, outros elementos marcam a relação entre avô e neto: uma foto tirada por um lambe-lambe, o guarda-chuva do avô (uma espécie de bengala secreta), os suspensórios (uma novidade de outros tempos) e a dentadura, que dá ensejo a medo e risadas.

Cada um desses objetos remonta a um aspecto da vida de uma outra época. Por meio deles, é possível começar a reconstruir a história de uma pessoa, de uma geração, de décadas.

O recorte de jornal, por exemplo, faz lembrar a chegada do homem à Lua, o que torna evidente que somos, todos, **sujeitos históricos**: protagonistas de nossa história pessoal e da história do cotidiano de um grupo, de um povo, de uma civilização.

**Memória e aprendizado**, apesar de serem coisas diferentes, mantêm relação de profunda intimidade. Mas se a memória é importante para compreender os marcos históricos, ou seja, as transformações que o mundo experimenta, também o é para identificar as permanências. Isso é lembrado na narrativa quando ganham destaque os objetos que povoam a infância do menino: as tampinhas de garrafa, os brinquedos na estante, o bichinho de pelúcia. Esses elementos indicam costumes, jogos e brincadeiras que passaram de geração para geração.

## RESGATES

No desenrolar da narrativa, a convivência entre avô e neto aprofunda a intimidade entre eles e também desperta no meni-

## FATORES E COMPONENTES DA MEMÓRIA

No dia-a-dia, usamos diferentes tipos de memória: imediata, de curto prazo e de longo prazo. A memória é suscetível a estímulos variados: uma imagem, um cheiro, certa entonação de voz, narrativas que se repetem. Recorremos, assim, às memórias visual, olfativa, lingüística etc. Todos temos muitas coisas guardadas na memória, e a usamos para diferentes funções.





Mas por que algumas pessoas têm maior facilidade que outras para se lembrar de eventos pontuais, como fatos, leituras, palavras? A capacidade de memorização está relacionada a vários fatores: biológicos, psicológicos e ambientais. Há pessoas com maior capacidade de memorização auditiva, enquanto outras têm maior facilidade na memorização de conteúdo visual e assim por diante.

A memória tem sido tema de estudo de várias áreas do conhecimento. Avanços recentes nas pesquisas ajudam a compreender qual sua importância na aquisição do conhecimento, algo que guarda estreita relação com a aprendizagem escolar.

### MEMÓRIA E APRENDIZADO

Aprender é uma tarefa que tem a ver com a capacidade de memorizar novos dados. Mas não só: além de recordar acontecimentos e informações, é preciso saber agrupá-los ou relacioná-los com a rede de conhecimentos já adquiridos. Por isso é tão importante, em situações de aprendizagem, ativar os conhecimentos prévios dos alunos, pois é no encontro e na comparação com as concepções anteriores que novas informações são “arquivadas”, ganham sentido, transformando e ampliando os conteúdos mentais anteriores. Além disso, é importante recorrer a estratégias que facilitem o processo de memorização e aprendizagem: prender a atenção, organizar o tempo e o ambiente de trabalho, utilizar recursos variados, como ler, ouvir, desenhar, imaginar. Tudo isso ajuda os alunos a organizar os novos conhecimentos e a recuperá-los posteriormente.

no o desejo de visitar a avó. Revela-se, então, o motivo pelo qual o neto não é levado à casa de repouso, onde ela passou a viver: a avó não se lembra de nada, nem mesmo reconhece o companheiro de tantos anos.

O menino tem uma idéia: propõe que preparem uma carteira, como a do avô, cheia de papezinhos capazes de fazer viajar no tempo, de trazer à tona histórias de um tempo longínquo. Os dois, então, passam uma semana preparando a “carteira de lembranças” e recordam, juntos, histórias inusitadas para o menino.

Vão, afinal, visitar a avó na casa de repouso. Descubrem que de certas coisas ela não havia esquecido: das histórias de sua infância. O fato intriga o menino sobre o funcionamento da memória, e ele se põe a fazer muitas perguntas. Sem dúvida, perguntas que as crianças costumam fazer quando experimentam algo inédito, perguntas que abrem um leque de possibilidades de investigações e novos interesses. E isso não apenas para o personagem, mas também para o leitor.

A narrativa conduz o leitor à procura de suas lembranças pessoais, de histórias que compõem o mosaico de sua identidade pessoal, familiar, cidadã. O livro sugere que é impossível ficar indiferente aos mistérios e ao poder da memória.

\*Os **destaques** remetem ao item *Mergulhando na temática*.



## DIALOGANDO COM OS ALUNOS

---

### ANTES DA LEITURA

- Faça uma roda com os alunos e lance uma pergunta: “Quem se lembra de...?”. Pode ser de um passeio, de uma aula, de um evento escolar, enfim, de alguma situação compartilhada por todos, que certamente terá sido vivida de maneira única por cada um. Fazer um exercício de memória como esse é uma boa oportunidade para indicar que o registro das experiências vividas é muito particular, varia de pessoa para pessoa.
- A partir das lembranças dos alunos, é possível construir um painel com dados objetivos e subjetivos. No primeiro caso, um mosaico de informações pode reconstituir a situação: o que aconteceu, quando, onde, com quem... Num segundo momento, é interessante salientar as evidências de que a situação foi vivida de várias maneiras: como cada um se sentia naquele dia, do que gostou, do que não gostou, quais momentos ficaram na memória e por quê, e de que modo a experiência ainda se faz presente.
- Essa atividade é excelente preparação para o contato com este livro. Afinal, uma leitura, para muito além de seus objetivos didáticos, é sobretudo uma experiência de vida, e o texto é portador de incontáveis significados: pode fazer mais sentido e ser mais emocionante para aqueles que já tiveram uma experiência familiar como a descrita, para os que têm proximidade com os avós ou para aqueles que gostariam de ter. Leituras de bons textos têm a capacidade de abrir “clareiras” em nossa mente, que permitem ver o mundo com outros olhos e, quem sabe, mudar a maneira como atuamos na vida.
- **DICA** Muitas vezes, as leituras indicadas pela escola ou feitas na sala de aula têm como objetivo complementar projetos e aulas de outras áreas, o que é muito enriquecedor. Por outro lado, as leituras literárias devem ter como princípio a formação de leitores. É fundamental chamar a atenção dos alunos para a razão de ser da literatura: abrir horizontes para ler o mundo de maneira mais rica e ampla.

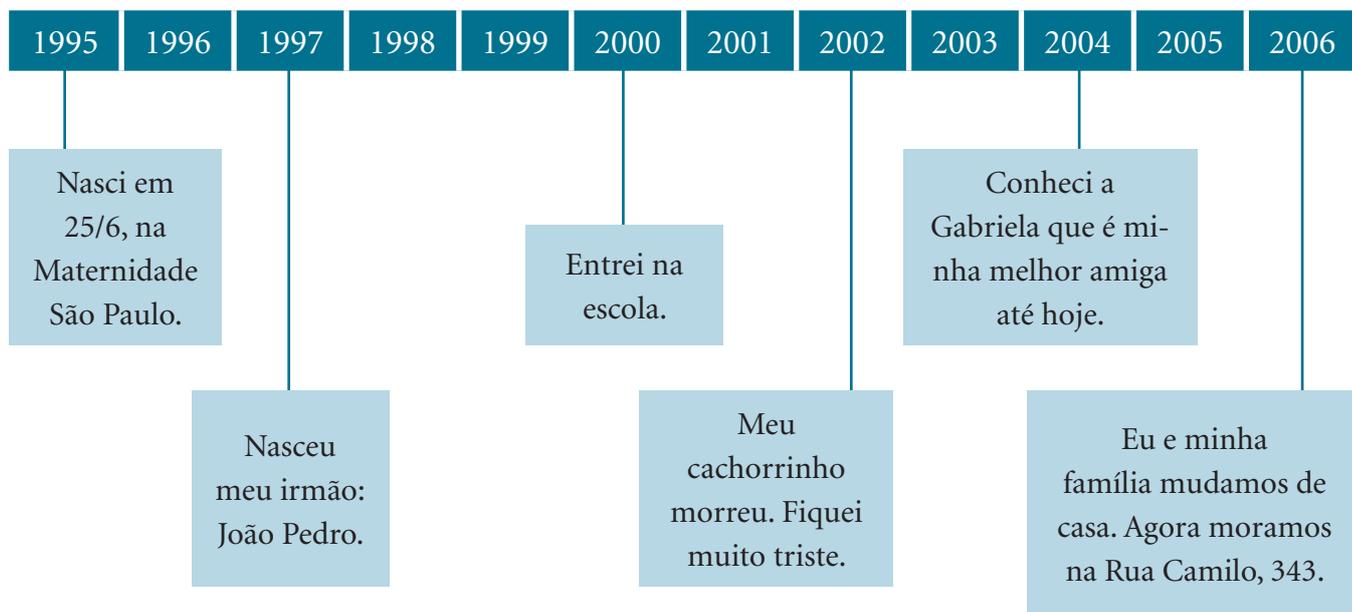


## DURANTE A LEITURA

- Conforme a leitura for avançando, é interessante destacar temas que permitam aos alunos ampliar e/ou aprofundar certos sentidos da narrativa. Uma dessas possibilidades é propor que eles recuperem experiências significativas que tiveram com seus avós ou com outros familiares mais velhos. A atividade pode partir de um desenho. Depois, o desenho se converte em apoio para, por exemplo, a elaboração de um relato oral ou escrito que, num terceiro momento, será ouvido ou lido pelos colegas de classe.
- Falar ou escrever para o outro é o próprio objetivo da linguagem, e ambas as situações envolvem diferentes habilidades. Elaborar um relato de uma experiência implica o uso de recursos de linguagem aprendidos na escola. Os alunos vão descobrir que um relato vai além de pôr em seqüência os fatos de um evento. A narrativa de um acontecimento é uma história que se justifica por sua relevância, seu interesse ou peculiaridade. Ela comporta e transmite sentimentos, sensações, pontos de vista, opiniões; elas convertem, enfim, o narrador em personagem.
- Antes de solicitar que os alunos percorram todas essas etapas, até a elaboração e a comunicação de seu relato, é importante que o professor apresente a sua própria narrativa, não só para antecipar as dificuldades que os alunos encontrarão de acordo com sua idade e competência lingüística, mas também para apresentar-lhes um modelo de produção.

## APÓS A LEITURA

- Ao final da leitura, faça uma roda para troca de impressões. Proponha uma atividade final: a construção de uma linha do tempo, na qual figurem eventos significativos da vida particular de cada um, mas também acontecimentos que tenham a ver com a comunidade, a cidade, o país, a humanidade.
- Mais uma vez, ofereça um modelo para que os alunos realizem o trabalho com maior clareza e autonomia. Faça uma linha do tempo na lousa, marcando-a com os anos. Indique situações que representem o tipo de evento a ser selecionado. Num primeiro momento, podem ser situações pessoais que mostrem a passagem do tempo, o crescimento e as conquistas de cada um. Se os alunos tiverem dificuldade de lembrar acontecimentos importantes, esses eventos podem ser recuperados em casa, numa conversa das próprias crianças com os pais.



- Num outro momento, seria interessante que as crianças entrevistassem os adultos da família para recolher histórias de vida e, assim, incluir eventos familiares importantes ocorridos durante o período da linha. Os alunos registram-nos em novas caixas e verificam que, paralelamente aos eventos pessoais, outros acontecimentos marcaram a passagem do tempo, provocando mudanças que podem ou não ter relação direta com o que ocorre com eles, mas que fazem parte da história.



ELABORAÇÃO DO GUIA ELLEN ROSENBLAT (ESPECIALISTA EM ANÁLISE DE MATERIAIS DIDÁTICOS E PROJETOS RELACIONADOS À FORMAÇÃO DE LEITORES E PRODUTORES DE TEXTO);  
PREPARAÇÃO BRUNO ZENI; REVISÃO SHIRLEY GOMES E GISLAINE MARIA DA SILVA